



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal The Guardian

Londres – Inglaterra, 1º de junho de 2007

Jornalista: Muito obrigado por ter concordado em dar esta entrevista para nós, é um grande privilégio para nós. Nós o ouvimos no Fórum Social de Porto Alegre, alguns anos atrás. O senhor tem um meio ambiente muito grande para tratar, nós somos obcecados com a questão do meio ambiente. Será que o senhor pode nos falar quão importante está a mudança climática no Brasil, isso faz parte da sua agenda, do seu governo, a mudança climática?

Presidente: Primeiro, a mudança climática faz parte do dia-a-dia e das decisões estratégicas do meu governo. Obviamente que, se nós quisermos discutir a questão climática, nós vamos perceber que é um tema novo para a humanidade. Eu lembro sempre que, há 20 anos, quando os ambientalistas começaram a se movimentar em defesa do meio ambiente, muitos governantes os chamavam de loucos. E hoje não existe nenhum governante sério do mundo e nem país do mundo que não estejam preocupados com a questão ambiental, sobretudo com as mudanças climáticas, quando nos damos conta de que o aquecimento global prejudica todo o Planeta, e não apenas um ou outro país. Com base nisso é que nós entendemos que essa discussão precisa ser discutida cada vez mais nos fóruns multilaterais, que a ONU assuma um papel de coordenação definitiva da discussão climática, e que todos os países se submetam a cumprir as diretrizes emanadas dos encontros internacionais. Por exemplo, nós, agora, temos o Protocolo de Quioto e muita gente sequer cumpriu a primeira parte do Protocolo de Quioto. Então eu penso que qualquer discussão séria, no mundo, nos obriga a perguntar a nós mesmos o que cada um fez para cumprir as suas obrigações com o meio ambiente.



É importante lembrar que o Brasil é um país que ainda detém mais de 60% das suas florestas. A União Européia, por exemplo, toda a Europa, hoje tem apenas 0,3% das suas florestas de 8 mil anos atrás, enquanto o Brasil mantém mais de 60%. Nos últimos dois anos, diminuimos em 52% o desmatamento e o governo tem a determinação de diminuir cada vez mais, porque o Brasil tem 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, tem 440 milhões de hectares de terras agricultáveis e, portanto, nós temos um potencial extraordinário para propor ao mundo a discussão sobre biocombustíveis. O dado concreto é que o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento têm a responsabilidade de não continuarem poluindo o Planeta como poluíram até agora. Esse é o dado concreto.

Bom, cada um tenta fazer uma proposta de como diminuir o aquecimento global. Eu não vejo nenhuma saída melhor do que a produção de combustíveis renováveis. Até agora, já se pensou no carro elétrico, já se pensou no carro a hidrogênio. O dado concreto é que o Brasil tem, desde 1975, o domínio da tecnologia da produção de etanol e, hoje, 85% dos carros vendidos no mercado interno são bicombustíveis. Introduzimos, há três anos, a política de biodiesel, que é uma outra revolução verde que pode acontecer no mundo. Quando eu pensei a política de biocombustíveis, eu não pensei apenas no Brasil. Eu pensei que os biocombustíveis podem ser a alavanca do desenvolvimento de muitos países africanos que não tiveram chance no século XX, e que poderão ter a sua chance no século XXI.

Eu já tive oportunidade de conversar com o primeiro-ministro Tony Blair e propor a ele que nós fizéssemos parcerias para produzir biodiesel num país africano. Fiz a mesma proposta para o presidente Bush. Tudo isso está intimamente ligado à Rodada de Doha.

Jornalista: Quando o presidente Bush lhe falou sobre a sua proposta, que foi anunciada ontem, de fazer uma reunião paralela para discutir Quioto?



Presidente: Primeiro, eu participarei de todas as reuniões para as quais for eu convocado para discutir esse assunto. A proposta do presidente Bush, eu pretendo discuti-la na próxima semana no G-8. Entretanto, eu vou antecipar uma posição brasileira. A posição brasileira é muito clara. Nós temos orientações de instituições multilaterais, nós temos o Protocolo de Quioto, que muitos países que o assinaram não cumpriram nada, e outros, sequer assinaram. Então, não é possível você aceitar uma proposta que não aceita uma decisão multilateral e tenta, de forma muito voluntarista, discutir um assunto que já foi discutido no fórum multilateral. Então, eu não posso aceitar a idéia de que nós precisamos construir um outro grupo para discutir o mesmo que já foi discutido em Quioto e não foi cumprido. Se nós não respeitarmos os fóruns multilaterais de que nós participamos, também não vamos respeitar outros fóruns criados de forma paralela.

Jornalista: O senhor queria dizer, então, Presidente, que Quioto está morto e o Brasil deve seguir os americanos?

Presidente: Não, eu disse exatamente o contrário. Nós precisamos batalhar para que a decisão tomada em Quioto seja cumprida, que cada país faça um esforço para atender aquilo que todos os países consagraram.

Jornalista: Então, o senhor está querendo dizer que isso deve ser resolvido em Badey e não numa reunião paralela, ou na criação de uma nova instituição?

Presidente: Eu não acredito numa nova instituição. Qual é a minha tese? É que se você tem um fórum multilateral, que tomou uma decisão democrática e impôs orientações a todos os países do grupo, nós deveríamos primeiro trabalhar para cumpri-la. Agora, simplesmente dizer que “não concordo com



Quioto e vou criar uma outra instituição"... não dá para que o voluntarismo se sobreponha ao multilateralismo.

Jornalista: Presidente, o senhor está rejeitando, então, a proposta do presidente Bush?

Presidente: Eu comecei dizendo que, primeiro, eu espero que o presidente Bush me apresente a proposta porque, por enquanto, eu não sei. E eu espero que ele faça a proposta oficialmente na próxima semana, no G-8. E aí vamos discutir.

Jornalista: O senhor conversou com a Índia ou com outros países sobre a proposta do presidente Bush?

Presidente: Não, não falei porque nós vamos ter o encontro no G-8. E, na próxima semana, antes do encontro do G-8, nós vamos ter um encontro dos cinco países convidados, entre os quais estará a China e a Índia, e vamos discutir uma proposta para levar para o G-8.

Esta semana eu recebi em minha casa, no Brasil, o ex-presidente Lagos, designado pelo secretário-geral das Nações Unidas para discutir a questão climática na América do Sul. Eu propus que nós tomássemos a decisão de ter uma proposta unificada da América Latina, para que a gente possa começar a discutir na ONU e estabelecer uma discussão mais profunda sobre essa questão e que pode ser na Assembléia-Geral da ONU no mês de setembro.

Jornalista: Qual vai ser o efeito do anúncio do presidente Bush sobre a reunião do G-8 na Alemanha? Como é que isso vai repercutir? Será que isso esvaziou outros pontos que na reunião iam ser discutidos?



Presidente: Eu tenho todo o interesse em discutir com o presidente Bush e tenho todo o interesse em que os Estados Unidos e os países ricos, que são responsáveis por 65% das emissões de gases, tomem decisões de se comprometerem a reduzir a emissão de gases. O que o Brasil está dizendo ao mundo é que nós temos uma alternativa. Os biocombustíveis podem ser uma alternativa para diminuir a emissão de gases, para plantio de muitas árvores, seqüestrar o carbono que já está no ar. Ao mesmo tempo, nós fizemos uma proposta em Nairobi de que os países ricos poderiam criar um fundo para ajudar no desenvolvimento dos países que, na diminuição do desmatamento, possam contribuir para retirar os gases já emitidos e se desenvolverem com mais tranquilidade.

O que nós temos que ter em conta? Se os Estados Unidos são o país que mais contribui com a emissão de gases no mundo, cabe a ele uma maior responsabilidade, ou para diminuir a emissão de gases, ou para pagar países que, com políticas de preservação ambiental, com políticas de diminuição de desmatamento e com políticas de florestamento, contribuem para retirar os gases que eles emitem do ar.

Jornalista: Que mais os países desenvolvidos, como a Grã-Bretanha, por exemplo, que mais nós temos que fazer para convencê-lo a assinar um acordo pós-Quito?

Presidente: Veja, eu penso que um pós-Quito já está colocado. Hoje já se discute qual o protocolo que se firmará a partir de 2012. E se quisermos assinar alguma coisa a partir de 2012, nós precisamos concluir em 2010. O que precisa ficar claro é que ou os países adotam uma política de combustíveis que não sejam combustíveis que contribuem para a emissão de gases, ou eles têm que se dotar de mecanismos tecnológicos para evitar emissão de gás. O fato é que, até agora, isso não foi conseguido. No Brasil, nós utilizamos 23% de



etanol na gasolina. Em janeiro de 2008 vamos utilizar 2% de biodiesel no óleo diesel, e em algumas capitais dos estados brasileiros os ônibus estão circulando com 5% de biodiesel no óleo diesel, contribuindo de forma extraordinária para que a gente diminua a emissão de gases.

Jornalista: Presidente, o senhor seria receptivo a países estrangeiros como a Grã-Bretanha, por exemplo, tentando impedir o desmatamento no Brasil? O senhor seria receptivo a receber ajuda de outros países para enfrentar a questão do desmatamento?

Presidente: Não só somos receptivos, como fizemos uma proposta, no ano passado, num encontro que houve em Nairobi. Eu acabei de explicar. Os países ricos podem contribuir com um fundo de desenvolvimento para os países que conseguem diminuir o desmatamento. É uma forma de impedir que países pobres desmatem, da mesma forma que desmatavam os países ricos no século passado. Agora, tem que ter a compensação.

Jornalista: Quanto mais desmatamento pode existir para a região Amazônica, até onde foi, antes que o senhor pense que haverá um desastre climático?

Presidente: Primeiro, eu quero repetir o seguinte: ao falar de desmatamento no Brasil, os países precisam primeiro olhar para os seus territórios e perceber que o Brasil ainda mantém mais de 60% das suas florestas intocáveis. O Brasil tem na Amazônia 22 milhões de habitantes, portanto, essa gente quer desenvolvimento, que ter acesso à tecnologia e quer ter acesso a bens materiais. Isso pode ser feito com um modelo de desenvolvimento limpo. O biodiesel, a soja e a cana-de-açúcar não chegam na Amazônia. O Brasil – eu vou repetir os números – o Brasil tem 440 milhões de terras agricultáveis, apenas 1% é plantado de cana, 4% é plantado de soja, 29% é pasto. Hoje, com



a criação intensiva de gado, cada vez em uma área menor, significa que vão sobrar muito mais áreas para fazer o plantio de plantas oleaginosas ou de cana-de-açúcar, sem precisar mexer na Amazônia. É importante dizer que não tem, no mundo, nenhum país mais preocupado com a Amazônia do que o Brasil.

Jornalista: Na Alemanha, nós esperávamos que o G-8 daria o ritmo, a marca e desse aqui um exemplo de se comprometer a cortar as emissões. O que o senhor espera do G-8? O senhor tem essa esperança de que isso ainda pode acontecer na reunião na Alemanha?

Presidente: A única coisa de que eu tenho certeza, do G-8, é que eu sou convidado. Antes dos cinco países convidados chegarem lá, o G-8 já deve ter tomado a sua decisão. E eu vou lá para dizer o que o Brasil pensa.

Jornalista: Na América do Sul, a questão do biocombustível se tornou uma questão politizada, com alguns líderes da região dizendo que, efetivamente, vai substituir alimento para os pobres para encher os tanques de gasolina dos países ricos. O que o senhor pensa desse tipo de registro?

Presidente: Primeiro, o problema do alimento no mundo não é por falta de produção, é por falta de renda para ter acesso ao alimento. Segundo, quando o Brasil insiste para que haja um acordo na Rodada de Doha, o Brasil está propondo o quê? Que a União Européia flexibilize para que os produtos agrícolas dos países pobres possam chegar à Europa, que os Estados Unidos diminuam os seus subsídios para que os produtos dos países pobres sejam mais competitivos, e que os países em desenvolvimento flexibilizem no setor industrial e no setor de serviço para que a gente se ponha de acordo. Não há nenhuma hipótese dos biocombustíveis substituírem a produção de alimento.



Primeiro, porque o melhor combustível do mundo é o alimento. Sem ele nós não teremos condições de plantar o combustível para o carro.

Jornalista: O senhor acha que a força motriz que está por trás dessas críticas da política de biocombustíveis do Brasil é que o senhor está lidando com os americanos, o senhor está negociando com os americanos? E para a esquerda da América Latina, isso sempre foi um tabu.

Presidente: Eu não estou negociando com os americanos, eu estou negociando com o mundo. A mesma conversa que eu tenho com o Bush, eu tenho com o Reino Unido, eu tenho com a Alemanha, eu tenho com a Itália, eu tenho com os países africanos e tenho com os países latino-americanos. Agora, cada país tem uma realidade. Tem país que foi abençoado por Deus e tem muito petróleo; outros foram abençoados por Deus e têm muito gás; e o Brasil foi abençoado por Deus porque é auto-suficiente em petróleo, mas tem um território extraordinário e conhecimento tecnológico, a ponto de poder oferecer ao mundo uma alternativa concreta e objetiva, provada e comprovada. Qualquer presidente do mundo ou qualquer primeiro-ministro pode ir ao Brasil, pegar um carro, ir ao posto de gasolina e colocar 100% de álcool no tanque, totalmente não poluente. No mesmo carro, acabou o álcool, pode colocar 100% de gasolina. Se quiser contribuir com as empresas de petróleo, pode colocar 50% de gasolina e 50% de álcool, ou seja, nada é mais importante do que oferecer ao consumidor do mundo uma alternativa de petróleo, alternativa de combustível.

Eu acho normal que os países detentores de petróleo estranhem a proposta de biocombustíveis. No Brasil também, no começo, a Petrobras não via com bons olhos. Por quê? Porque ela foi criada para petróleo, o biocombustível é um corpo estranho na sua vida. Então, o que nós precisamos é uma decisão de governo de que o etanol, o biodiesel e, portanto, os biocombustíveis vieram para ficar.



Jornalista: O presidente Castro sugere que há um problema com a produção de alimentos e que está indo contra os interesses do povo. O que o senhor acha desse comentário? O que é certo para o Brasil talvez não seja bom para outros países.

Presidente: Veja, eu sempre tenho uma posição de respeito ao pensamento de cada líder mundial. Acho que tem países que têm determinados problemas e outros países não têm determinados problemas. O Brasil tem água suficiente e o Brasil tem terra suficiente para fazer uma combinação perfeita entre a produção de alimentos e a produção de biocombustíveis.

Jornalista: Mas, e a esquerda na América Latina, ela se autodefine como sendo anti-americana. O senhor está dizendo que está chegando a hora dos políticos da América Latina saírem um pouco dessa referência anti-americana?

Presidente: Veja, cada um vê os Estados Unidos com os olhos que quiser ver. Eu, há muito tempo, aprendi a não jogar a responsabilidade do atraso brasileiro nos Estados Unidos, muito menos em Portugal que nos descobriu. Eu acho que grande parte do atraso que vive o meu país foi causado por nós mesmos, por uma elite dirigente que durante um século não governou pensando na maioria do povo e se subordinou a interesses de outros países. O que eu penso? É que o Brasil não tem que ser melhor nem pior do que ninguém, nós não temos que pedir licença para andarmos de cabeça erguida. Eu, em vez de ficar preocupado com os Estados Unidos, eu estou preocupado com o Brasil, o que nós, brasileiros, poderemos fazer pelo Brasil, em vez de ficar esperando que a União Européia resolva o problema do Brasil, ou que os Estados Unidos resolvam o problema do Brasil, o problema do Brasil é nosso, para o bem e para o mal. Então, é só assumir a responsabilidade e fazer o que nós temos



que fazer.

Jornalista: Estamos olhando muito para o Tony Blair e o legado que ele vai deixar agora, que ele vai sair do governo. Do ponto de vista do Brasil, quão efetivo ele foi em termos das promessas que ele tinha feito, em termos de atingir um sistema de comércio mais justo, qual o legado do Blair?

Presidente: Eu tive pouco contato com o primeiro-ministro Tony Blair. Quando eu visitei o Reino Unido, no ano passado, eu disse a todos os políticos com quem conversei – tanto ao Tony Blair quanto ao Gordon Brown, e nas reuniões com empresários – que a Inglaterra, no começo do século XX e no final do século XIX teve um papel importante no desenvolvimento do Brasil, se afastou um pouco do Brasil. E eu vim aqui para mostrar aos investidores ingleses e ao governo inglês que existe um continente em ascensão que é a América Latina e, dentro da América Latina, um continente que tem um grande poder de crescimento que é a América do Sul. Então, olhar para o Brasil é olhar para toda a América do Sul. É importante que os países que durante um tempo procuraram outras partes do mundo para fazer seus investimentos, comecem agora pela América do Sul, como uma opção. Isso vale para os ingleses, como vale para os japoneses, que também tiveram uma forte participação no Brasil no começo do século passado e depois se afastaram.

O fato concreto é que a América do Sul é um nicho de oportunidades para parcerias, para investimentos e para que haja um crescimento na nossa balança comercial. Eu estou convencido de que o potencial entre Brasil e Inglaterra é infinitamente maior do que o que nós estamos realizando hoje.

Jornalista: O senhor acha que vai ter uma conclusão bem-sucedida da Rodada de Doha?



Presidente: Eu estou otimista. Eu nasci no movimento sindical, portanto, aos 23 anos de idade, eu comecei a fazer negociação. Negociação pode ser difícil, pode durar um ano, pode durar dois anos, mas se houver disposição política, um dia, ela desabrocha. Eu tenho conversado, de dezembro do ano passado até agora, eu já falei três vezes com o Tony Blair, eu falei três vezes com o presidente Bush, já falei com o primeiro-ministro Prodi, já falei com Angela Merkel, já falei com o Chirac muitas vezes, portanto, a Rodada de Doha não tem mais nada de econômica. A decisão agora é política, eminentemente política e, portanto, os governantes vão ter que assumir responsabilidades. Se não houver um acordo na Rodada de Doha, não adianta falar em combater o terrorismo, não adianta falar em combater o crime organizado, porque a pobreza é um foco extraordinário para o crescimento do terrorismo e para colocar a paz em perigo.

Se o problema é político, cada governante precisa olhar menos para os seus eleitores e olhar um pouco mais para os milhões de seres humanos que se levantam pela manhã e não têm um pão para comer, e somente o desenvolvimento é que vai permitir que essa gente tenha acesso a comer três vezes por dia. Então, é uma decisão eminentemente política, não tem mais questão econômica no meio.

Agora, não é possível querer fazer política sem risco. Muitas vezes, a gente pode perder um pouco internamente mas, do ponto de vista histórico, você prestou um serviço à humanidade. É assim que eu vejo a Rodada de Doha. Os técnicos já cumpriram a sua parte, agora o desafio é dos dirigentes.

Jornalista: O senhor acha que o momento decisivo vai ser a próxima reunião dos ministros de comércio, que vai acontecer mais ou menos na metade de junho?

Presidente: Eu penso que neste mês terá que acontecer alguma coisa e se



não acontecer, nós passaremos para a história como a geração de políticos que fracassou com a humanidade, sobretudo com os pobres.

Jornalista: Bem, vamos voltar à questão da mudança climática. O senhor acha que o que está em jogo é tão alto quanto a Rodada de Doha?

Presidente: Eu acho, porque na Rodada de Doha eu quero resolver o problema de hoje e de amanhã. Na questão climática, eu tenho que resolver o problema do planeta Terra que é o único, até agora, que permite que a gente sobreviva. Então, como eu não conheço outro planeta e não sei se tem vida em outro planeta, e nós só temos a Terra, pelo amor de Deus, vamos cuidar dela.

Jornalista: Então, quando o presidente Bush sugerir um processo paralelo, o que o senhor vai dizer para o presidente Bush, Presidente?

Presidente: O que eu disse para vocês. Eu não me recusarei a debater em qualquer fórum, mas eu quero, em primeiro lugar, respeitar as decisões emanadas dos fóruns multilaterais, que é a única coisa que nós construímos democraticamente e, portanto, nós temos que respeitar. É por isso que o Brasil pede a renovação da ONU. Quanto mais forte for a ONU, mais todos nós estaremos subordinados a cumprir as suas decisões. Quanto mais forte for um organismo como as Nações Unidas, mais as suas decisões serão respeitadas pelos países membros.

Jornalista: Obrigado, Presidente, foi fantástico.

Presidente: Muito bem.

Jornalista: E quem vai ganhar, hoje à noite, Presidente?



Presidente: Eu queria dar um número para vocês aqui. Por conta desse debate sobre energia limpa, o meu Ministério de Minas e Energia fez um estudo. De todo o potencial energético do Brasil, 50% é de energia limpa. Na energia elétrica, 85% é limpa de energia. E o Brasil tem um potencial, ainda, de praticamente 200 mil megawatts de energia hídrica, e ela é a mais barata. Veja, o megawatts-hora da hidráulica custa 58 dólares, o megawatts-hora da termelétrica a carvão custa 66 dólares.

Jornalista: Quanto custa o de carvão?

Presidente: Sessenta e seis dólares, mas é poluente. A nuclear custa 75 dólares o megawatts-hora; o gás natural custa 87 dólares o megawatts-hora; a eólica, custa 153 dólares o megawatts-hora; o óleo combustível, 191 dólares o megawatts-hora; o óleo diesel, 300 dólares o megawatts-hora. Portanto, o Brasil tem um potencial extraordinário de energia limpa e renovável. Nós queremos que toda a discussão climática leve em conta o potencial de cada país, e que os custos que cada país tem que pagar pela preservação ambiental têm que ser proporcionais à poluição que o país comete no mundo. Portanto, quem polui mais, paga mais, essa é a lógica da justiça mundial.

Ministro: Muito obrigado. Quanto o senhor acha que vai ser o jogo, hoje?

Presidente: Eu não sei se a seleção inglesa vai entrar completa?

Jornalista: Estão tentando. Mas não temos um time de estrelas titulares.

Presidente: Eu penso que os jogadores estão um pouco cansados, porque terminou o campeonato inglês, terminou a Liga dos Campeões. A verdade é



que o Kaká está cansado, mas os jogadores ingleses também estão. Será um jogo difícil.

Jornalista: Tudo que a gente pede é que não nos esmaguem no nosso próprio estádio, isso é o que nós pedimos e mais três ingressos, porque a gente ficou sem ingresso.

Presidente: A seleção brasileira nem treinou, ainda. Nós estamos numa fase de testes. Você sabe que no Brasil, eu tenho assistido muito o campeonato Inglês. Eu acho que os times ingleses estão bem, só que tem muitos jogadores estrangeiros.